

cR | Centro
de Referência
Paulo Freire



Instituto Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo do
Centro de Referência Paulo Freire**

acervo.paulofreire.org

Metade dos colonos dos assentamentos nunca aprendeu a ler

O analfabetismo é a pior das pragas que ataca as lavouras gaúchas. Nada menos do que metade dos colonos que vivem nos 63 assentamentos do Rio Grande do Sul não sabem ler, escrever e fazer contas. Isso é muito mais do que a média nacional (17,69% em 88, segundo os dados oficiais). Assim como nos centros urbanos, há também no campo um imenso contingente de pessoas com capacidade para rabiscar o nome — e não muito mais do que isto. Mas essa é uma realidade que pode estar começando a mudar, e muito rapidamente.

Se os planos traçados pela Fundação de Desenvolvimento da Educação e Pesquisa do Alto Celeiro (Fundep) e Departamento de Educação Rural do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra é certo que, até o final do ano, mais de 70% dos assentamentos gaúchos terão pelo menos iniciado um curso de alfabetização que permitirá que adultos analfabetos dominem o segredo das letras em questão de poucas semanas. As engrenagens que movimentam esse processo já estão girando.

LANÇAMENTO — No dia 25 de

maio passado, o educador Paulo Freire enfrentou as lamaçadas estradas do interior de Bagé, na Fronteira Oeste do Estado, para lançar oficialmente, no assentamento Conquista da Fronteira, a Campanha de Alfabetização de Adultos e Jovens nos Assentamentos e Acampamentos do Rio Grande do Sul. Educar para libertar foi o lema que pautou a obra do professor Paulo Freire, autor do método de alfabetização escolhido para livrar do obscurantismo os colonos assentados no Estado. “Depois de se apropriarem de um pedaço de sua história, esses agricultores dominarão o be-a-bá com facilidade”, disse Freire, emocionado.

Hoje, 192 homens e mulheres estão aprendendo a ler e escrever pelo método de Paulo Freire, nos sete assentamentos escolhidos para estreitar a campanha — Conquista da Fronteira, Conquista do Arvoredo, Santa Elmira, Nasce uma Esperança e Nova União, em Bagé; Vista Nova e Alto Alegre, em Dom Pedrito, além de uma vila popular no distrito de Tiradentes, perto de Três Passos, onde outras 35 pessoas aprendem a ler e escrever.

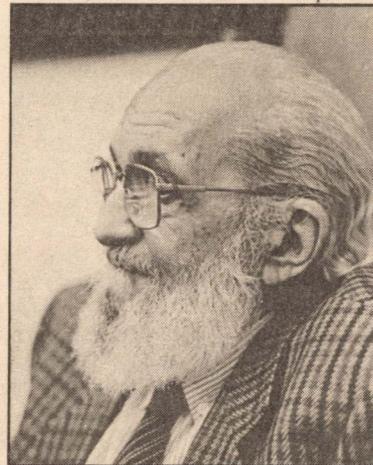
Método é rápido e de baixo custo

O método de alfabetização de Freire foi utilizado em vastas campanhas de educação no Brasil, na primeira metade dos anos 60. Chegou a ser adotado pelo Governo Federal entre junho de 1963 e março de 1964, até ser sepultado pelo golpe militar. O método permitia alfabetizar um aluno em 40 horas e com um custo muito baixo. Não eram necessárias nem mesmo cartilhas. Freire dizia que “um mínimo de palavras, com máxima polivalência fonêmica”, seria “o ponto de partida para a conquista do universo vocabular”.

O baixo custo de operacionalização e a rapidez de aprendizagem foram duas das razões que levaram à escolha do método de Paulo Freire para a campanha de alfabetização nos assentamentos. Pesaram muito também a simplicidade da aplicação do método e principalmente a capacidade de transformar em seres críticos e pensantes indivíduos até então estigmatizados e autoconvencidos de sua ignorância.

Paulo Freire sustenta seu método sobre três pólos: a pessoa que aprende, a pessoa que ensina e os objetos geradores — assuntos ou palavras-chaves de uso corrente na vida diária de alfabetizador e alfabetizados. “A alfabetização precisa estar vinculada com a realidade”, diz Rita Zanotto, uma socióloga de 28 anos que trabalha na formação dos monitores para

Arquivo/ZH



Paulo Freire

a campanha de alfabetização dos colonos.

CONSCIENTIZADOR — O próprio grupo decidiu o que queria aprender e por onde se deveria começar”, informa Lucas Cupsinski, um dos monitores que alfabetiza nesse momento um grupo de 42 camponeses no assentamento Santa Elmira, no distrito de Hulha Negra, em Bagé. Surgiram, assim, objetos e assuntos como estradas, cavalos, carroças, alimentação, terra e água. O desmembramento dessas palavras em sílabas levou não só à construção de novas palavras, mas também a uma discus-

são da realidade do assentamento.

Na Santa Elmira, o tema saúde, segundo Cupsinski, evolui para os cuidados que devem ser tomados para não se ficar doente; para a importância da alimentação na saúde; para o escoamento da safra; para as condições das estradas; e finalmente para a necessidade dos agricultores se organizarem, talvez criando uma cooperativa, para plantar e vender a produção do assentamento. Esse processo todo vai sendo acompanhado pela formação da escrita. Aprende-se a ler, escrever e contar quase como um subproduto da gestação do pensamento lógico.

Há quem entenda por isso que o método de Paulo Freire traz embutido um forte potencial de doutrinação sobre o alfabetizado. “Ele é, isso sim, um método que eleva o nível de questionamento e conscientização e desenvolve a capacidade de crítica e análise”, diz frei Sérgio.

A professora Esther Pillar Grossi, secretária de Educação de Porto Alegre, diz que o método é intrinsecamente conscientizador, independente de se usar ou não temas sociais ou políticos como objetos geradores. Um fã de Ayrton Senna, por exemplo, poderia ser alfabetizado a partir de expressões tiradas da Fórmula 1 (mecânico, automóvel, freios, pneus etc). “Ainda assim a pessoa se dá conta da sua capacidade de pensar”, diz Esther Grossi.